

JORNAL FERAESP

AGOSTO DE 2021

O JORNAL DOS ASSALARIADOS RURAIS

WWW.FERAESP.ORG.BR

DESDE 2017 - EDIÇÃO NÚMERO 44

A FERAESP mantém canal aberto aos empregados assalariados rurais do estado de São Paulo e sindicatos. Viu ou vivenciou alguma irregularidade no ambiente de trabalho ?



Denuncie em nossos canais de comunicação: (14) 32143237 / feraesp@feraesp.org.br
WhatsApp: (14) 998739557 ou em seu Sindicato.

A federação e os sindicatos irão orienta-los(a).

QUASE 60% DOS REAJUSTES EM JULHO, FICARAM ABAIXO DA INFLAÇÃO
PAG - (2)

AGRONEGÓCIO REGISTROU U\$ \$ 10,1 BILHÕES (DOLARES) DE SUPERÁVIT
EM JULHO **PAG - (2)**

IPEA: PANDEMIA PROVOCOU MAIOR INATIVIDADE ENTRE: JOVENS, MULHERES E
NEGROS **PAG - (3)**

CRISE POLÍTICO-MILITAR TRAZ AMEAÇA DE GOLPE DE ESTADO **PAG - (4)**



INFLAÇÃO

MÊS DE REFERÊNCIA: JULHO DE 2021
ÚLTIMOS 12 MESES

INPC: 9,85%

IPCA: 8,99%

FERAESP participa de eventos, em conjunto com órgãos internacionais, para discutir a situação dos empregados rurais da laranja



Encontro em Campinas - SP.

A FERAESP participou de eventos, no mês de agosto de 2021, que discutiu a situação dos empregados rurais no subsetor da laranja. Os eventos realizados em Belém do Pará e Campinas, São Paulo, contaram com a participação de entidades sindicais, Rede Suco de Laranja e instituições internacionais como: Ver.di (sindicato Alemão) e Tia Global.



Encontro em Campinas - SP.

O objetivo foi encontrar soluções aos problemas enfrentados pelos empregados rurais, indústria e comércio.

Um dos temas debatidos foi os pontos convergentes dos problemas encontrados no Brasil e na Europa. Em especial, os problemas de saúde enfrentados pelos empregados e a melhor forma de solução desses.

SISTEMA DE ARRECAÇÃO FERAESP

Sistema para emissão de guias sindicais para atender os sindicatos.

No qual, podem ser emitidas a Contribuição sindical, Confederativa, Assistencial e Mensalidade social.

O sistema é gratuito para os sindicatos da categoria, através do site www.feraesp.org.br no link "Sistema de geração de guias".

Para maiores esclarecimentos contatar o setor de arrecadação, através do e-mail: arrecadacao@feraesp.org.br ou pelo telefone (14) 3214-3237.



Fundada em 1989

JORNAL FERAESP

EXPEDIENTE: Órgão informativo mensal da FERAESP - Diretoria Executiva
Federação dos Empregados Rurais Assalariados no Estado de São Paulo.

CNPJ: 58.998.915/0001-18

Rua Padre João, 1027, Vila Santa Tereza, Bauru - SP - CEP 17014-041.

Fone: (14)3214.3237 e-mail: feraesp@feraesp.org.br

Área Técnica: Cristiano Augusto Galdino - Corecon - 35802/SP



Encontro em Campinas - SP/ representantes internacionais.



Encontro em Belém-PA

Para o presidente da FERAESP, Jotalune Dias dos Santos, o jota, “os eventos demonstraram que os empregados e entidades podem trabalhar em conjunto, e apontar soluções, como as discutidas, para toda cadeia produtiva da laranja, em especial, dos rurais que são os primeiros a serem impactados pelos problemas”. Jota, ainda afirmou que, a FERAESP vem desenvolvendo debates e propondo soluções a todo o setor agropecuário.

Quase 60% dos reajustes em julho ficaram abaixo da inflação



De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), cerca de 25% dos reajustes da data-base julho ficaram acima da variação da inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (INPC-IBGE). Reajustes em valores equivalentes a esse índice foram observados em cerca de 16% dos casos; e abaixo, em quase 59%.

No acumulado de 2021, cerca de metade dos resultados analisados ficou abaixo da variação anual da inflação nas datas-bases. Reajustes iguais à inflação totalizam cerca de 1/3 do painel analisado; e correções acima do índice inflacionário representam cerca de 18%.

Agronegócio registrou U\$\$ 10,1 bilhões (dólares) de superávit em julho



Preços médios das principais commodities seguem com tendência de alta

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) publicou, no dia (12/8), o fechamento dos dados de julho do comércio exterior do agronegócio brasileiro. A balança comercial do setor encerrou o mês com saldo positivo de US\$ 10,1 bilhões, sendo registradas exportações de US\$ 11,29 bilhões e importações de US\$ 1,23 bilhões. Na comparação com julho de 2020, houve alta de 38,6% nos preços médios das exportações, já no acumulado do ano, houve alta de 20,8%. De acordo com o Grupo de Conjuntura do Ipea, o preço médio dos produtos embarcados no Brasil seguem com tendência de alta.

Em julho, apesar da acomodação nas exportações, alguns produtos do agronegócio brasileiro alcançaram volumes recorde de exportação ao longo do primeiro semestre de 2021: café, açúcar, algodão e carne suína. No acumulado do ano, de janeiro a julho de 2021, os produtos com maior variação positiva nos preços médios foram a soja (28,6%), a carne bovina (12,2%), o açúcar (14,7%), a madeira (15%) e o milho (22,2%).

“A produção de café e açúcar pode ser prejudicada por problemas climáticos, pois também foi em decorrência da falta de chuva que houve o atraso do plantio da soja, e a geada comprometeu parte da segunda safra de milho. O Brasil tem uma participação significativa na comercialização dessas commodities e uma queda no volume de exportações tem impacto nos preços futuros desses produtos”, avaliou o diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac/Ipea), José Ronaldo Souza Júnior.

Problemas sanitários em alguns países contribuíram para aumentar as exportações brasileiras de carnes suínas e de frango (neste caso, houve diversificação dos países importadores). “A China continua liderando a lista dos principais países importadores de carne suína brasileira. Mas, o destaque dessa vez foi para o aumento das exportações para a Argentina e o Uruguai, que aumentaram suas exportações de carne bovina, e compensaram a demanda doméstica por proteína animal com carne suína do Brasil”, observou Ana Cecília Kreter, pesquisadora associada do Ipea e uma das autoras do estudo.

IPEA: pandemia provocou maior inatividade entre: Jovens, mulheres e negros



“A diferença da crise de 2020 em relação à crise anterior, ocorrida em 2015-2016, se caracteriza não apenas por sua magnitude mas também pela intensa transição dos ocupados, não para o desemprego, e sim para a inatividade”, esta é a conclusão do estudo intitulado ‘Desigualdades no mercado de trabalho e pandemia da Covid-19’, de autoria dos pesquisadores Joana Simões Costa, Ana Luiza Holanda Barbosa e Marcos Hecksher lançado, quarta-feira (25), pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), e que utilizou a base de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O estudo avalia que a pandemia da covid-19 aprofundou as desigualdades sociais entre grupos considerados vulneráveis, como jovens, negros e mulheres, e ampliou a taxa de inatividade dessas pessoas no ano de 2020. “Houve aumento do desemprego, mas foi a inatividade o indicador que mais se elevou. Crises anteriores estavam marcadas pelo aumento do desemprego. Mas esta por suas características específicas associadas à pandemia significou uma saída do mercado de trabalho para a inatividade. O aumento da inatividade levou à uma queda da taxa de participação a níveis bastante baixos”, considerou Joana Simões Costa, uma das autoras do estudo.

Segundo ainda a pesquisadora, a pandemia e distanciamento social afetaram principalmente ocupações em que o tipo de trabalho não poderia ser realizado à distância. “Essencialmente, as pessoas que estavam na informalidade foram as que mais perderam seus postos de trabalho. Como sabemos grupos como os jovens, as mulheres e os negros apresentam maior taxa de informalidade, o que significa que foram os grupos mais vulneráveis à crise”, afirmou. O estudo ainda chama atenção para o fato de que, em 2020, foram reduzidas as chances de se conseguir uma ocupação. “Essa redução da porta de entrada ao emprego ocorreu de forma generalizada e afetou especialmente jovens, negros, e mulheres”, concluíram os pesquisadores.

Mulheres

O estudo nota que as mulheres já apresentam grande desvantagem nos indicadores de participação do mercado de trabalho e a desigualdade se manteve. A situação das mulheres ficou ainda mais exposta e a proporção de ocupadas entre o total de mulheres chegou a um patamar pouco abaixo de 40%. A diferença em relação aos homens significa um pouco menos de 20 pontos percentuais (p.p.). Ao longo do período entre 2012 e 2019, as mulheres já mudavam mais que os homens da situação de ocupada para inativa, e também possuíam menor taxa de entrada nas ocupações. Em 2020, os reveses sofridos nesses indicadores mantiveram a elevada desigualdade.

Para a pesquisadora do Ipea, a atual crise apresenta características específicas que afetaram mais as mulheres. “O distanciamento social impossibilitou o funcionamento das escolas e creches e também dificultou o acesso às redes de apoio informais para os cuidados de crianças, tal como auxílio das avós e vizinhas. Esses são fatores que acabaram prejudicando mais às mulheres que necessitam dessa estrutura para o cuidado de seus filhos enquanto trabalham”, explicou.

Negros

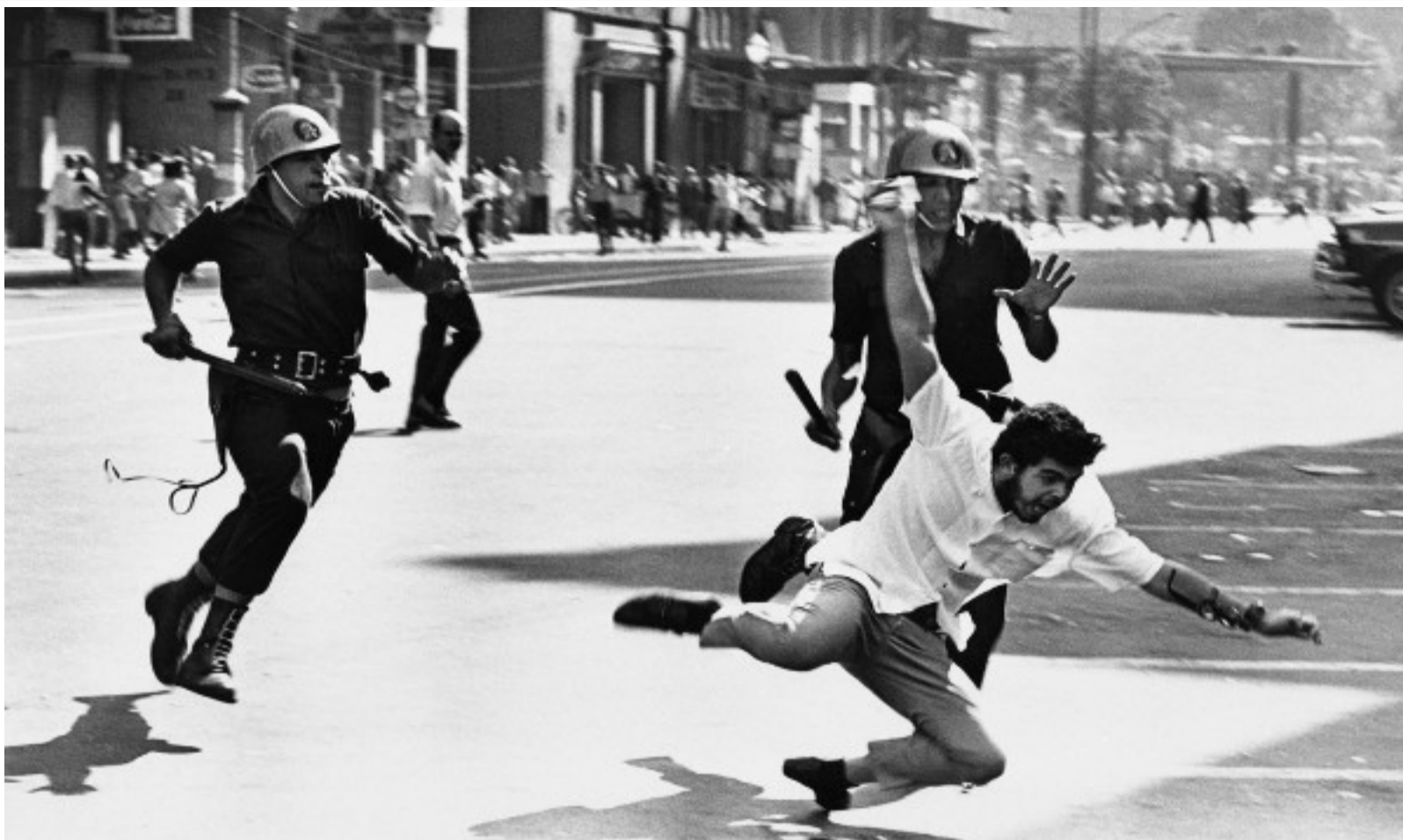
Entre os negros e brancos, o levantamento indica que há diferenciais importantes na taxa de desemprego e na proporção de ocupados e que ambas as crises de 2016 e de 2020 contribuíram para um aumento desses diferenciais por cor/raça. Por exemplo, a diferença em p.p. na proporção de ocupados brancos era 2,4 maior em 2015 e alcançou 5,3 em 2020. Isso resulta do fato de que tanto o aumento na transição para desemprego/inatividade, quanto a redução na entrada para ocupação, foram um pouco mais intensas entre os negros em 2020.

Jovens

Em relação aos diferenciais por idade, vale destacar a comparação entre os grupos etários de 19 a 29 e 30 a 59 anos. Há relevantes diferenças no desemprego e na ocupação, e ocorreu elevação da desigualdade em ambas as crises. A proporção de ocupados entre os adultos era 7,3 p.p. acima dos jovens em 2015, diferença que se elevou para 12,3 em 2020. No ano da pandemia, também chamou atenção o fato de que, para os jovens, a redução nas chances de conseguir um emprego ocorreu de forma mais intensa.



Crise político-militar traz ameaça de golpe de Estado



A intermitente crise política que engolfou o Brasil nos últimos tempos – e que tem inserido militares de alta patente e com cargo no governo na questão – tem chamado a atenção de vários analistas pelo risco que ela pode representar para a democracia no País. É exatamente sobre isso que fala o professor Pedro Dallari em sua coluna desta semana. “O Brasil vive uma crise política muito séria, maior inclusive do que tem transparecido no noticiário. Há uma crise militar que traz a ameaça de um golpe de Estado. A presença do general Eduardo Pazuello em uma manifestação política no Rio de Janeiro no último domingo, juntamente com o presidente da República, é o fato indicativo da dimensão dessa crise”, afirma Dallari. “Isso porque o general Pazuello, ex-ministro da Saúde, é um general da ativa e não pode ter nenhum tipo de atividade política, conforme o regramento das Forças Armadas. Cabe aí, em função desse ato de indisciplina, a aplicação de uma punição administrativa pelo comandante do Exército. Mas o presidente sabia que essa presença do ex-ministro constituía uma irregularidade, e o general também sabia que estava praticando um ato irregular e uma indisciplina. Ambos apostaram conscientemente na crise”, analisa o professor. “Se Pazuello não for punido pelo comandante do Exército, isso fragilizará a estrutura e a hierarquia das Forças Armadas. E, se for dada, ela poderá ser revogada pelo presidente, o que geraria uma crise institucional muito grave”, avalia ele.

No entender de Dallari, porém, a crise já existe. “A crise já está dada, na verdade. O presidente pressiona para submeter os comandantes das Forças Armadas à sua vontade – ou para levá-los a se demitirem, o que abriria caminho para que aliados seus ocupassem esse espaço”, afirma o colunista. “Bolsonaro conta, para isso, com o novo ministro da Defesa que, ao contrário do anterior, tem sido absolutamente dócil e subserviente às vontades do presidente da República”, diz ele. Mas o colunista ainda não vê um quadro favorável, neste momento, para um golpe. “É claro que, a princípio, o quadro não é favorável a um golpe de Estado. O presidente vem contando com apoio de uma parcela cada vez menor da população, principalmente em função da desastrosa – e mesmo criminosa – conduta durante a crise da covid-19. Mas, de todo modo, o presidente pode precipitar uma situação de golpe – como Donald Trump ameaçou nos Estados Unidos – e, mesmo que essa tentativa seja fadada ao fracasso, pela falta de apoio, trará muito sofrimento e dificuldade para a sociedade brasileira”, acredita Dallari. “É fundamental, nesse momento, que a sociedade reaja, defenda a democracia e se oponha à conduta cada vez mais irresponsável do presidente da República, que é uma ameaça à cidadania no Brasil”, conclui o colunista.

Pedro Dallari / Rádio USP.

**AJUDE A USP A AUMENTAR SUAS
PESQUISAS CONTRA A COVID-19**

CONHEÇA O PROGRAMA USP VIDA E VEJA COMO FAZER SUA DOAÇÃO



CLIQUE AQUI
PARA DOAR

<https://www5.usp.br/uspvida/>



**Sindicalize-se!
Sindicato forte é um direito seu!**